

Collor vota como se fosse já tomar posse

MARIA ROSA COSTA
Enviada Especial

Maceió — Antes de votar, Fernando Collor disse três vezes que esperava “estar à altura da responsabilidade de assumir a Presidência da República”. Respondia assim às indagações sobre a sensação que sentia ao votar pela primeira vez para o cargo do qual é um dos postulantes.

A entrevista anunciada pelo coordenador de imprensa, Cláudio Humberto, não se realizou. O candidato respondeu a poucas indagações enquanto se dirigia para a sala onde votou, ignorando a que foi feita sobre sua posição frente os debates daqui para frente, ou sobre o apoio que espera ter no segundo turno, caso se saia bem na votação de ontem.

“O voto na urna só conta depois de proclamado o resultado”, afirmou, referindo-se à dificuldade em apontar seu parceiro no próximo lance. Collor disse que sentia uma “emoção muito forte” — e que ele, a exemplo de 75 por cento dos brasileiros que votaram pela primeira vez, estava praticando “o exercício de resgatar a nossa soberania de cidadão”.

O candidato do PRN negou que esteja desde já acertando as alianças para o segundo turno, mas previu que, se estas existirem, “se farão em torno de um ideal, de um projeto consistente”. Também negou que pretenda mudar a estratégia da campanha, dizendo da sua intenção de agir daqui pra frente para “mudar a tática dos que prejudicam o Brasil e ajudar o País a sair da crise”.

O atraso de 15 minutos no início da votação da seção 136 da 2ª Zona Eleitoral, não foi o bastante para fazer de Fernando Collor o primeiro eleitor a colocar o voto na urna instalada no local. O candidato e a mulher, Rosane, chegaram ao Grupo Escolar Diegues Júnior às 8h20, quando o técnico em telecomunicação Milton dos Santos Ferreira já havia dado seu voto para Mário Covas.

Collor chegou disposto a atender aos fotógrafos, demorando-se no cumprimento às pessoas da mesa, posando com a cédula e fazendo sinal de positivo com o dedo, como pediam os profissionais. Na pressa pela melhor posição, eles derrubaram a urna, prontamente recuperada pelo presidente da mesa, Geovan Santos, sem atrapalhar os movimentos do candidato. Rosane Collor votou logo em seguida. Foi esta uma das poucas vezes em que os seguranças do candidato não tentaram manter os repórteres afastados. Três deles acompanharam-no à seção, enquanto mais três guardavam a entrada da escola.

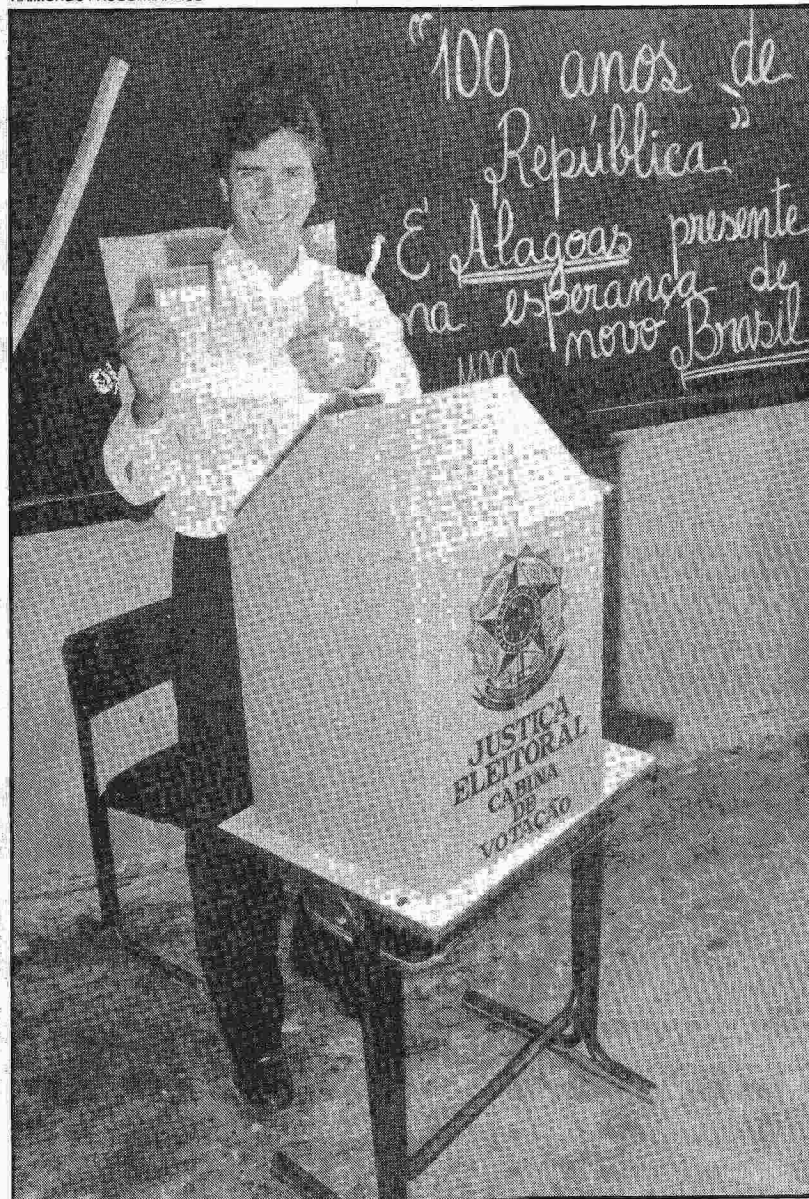
O ex-governador de Alagoas usou uma caneta prateada entregue por um fiscal do PRN, ao invés da que trazia no bolso da camisa. Não houve tumulto na sua chegada. Os que usavam camisas brancas com faixas verde e amarela, que ali estavam para a boca de urna, bateram palmas, gritando: — “aí, presidente, vamos lá”, recebendo acenos, abraços e apertos de mão de Collor.

Ele perguntou ao tenente Dário César Cavalcanti, seu ajudante de ordens: “Como é que vota? — Candidato vota na Frente?” — enquanto entrava na escola.

Desde 1970, Fernando Collor vota no mesmo local, inclusive quando se elegeu deputado e governador. Isto o levou a alimentar a idéia de que a seção 136 da 2ª Zona Eleitoral traz boa sorte, sendo o único da família que não pediu transferência do ponto de votação para mais perto de casa. “Ele sempre vota ali. É questão de superstição” — disse seu irmão Pedro Collor, que trocou de seção logo que a família saiu da residência do bairro Pajuçara, onde fica o grupo escolar Diegues Júnior. Pedro disse que Fernando estava “mais confiante do que nunca, depois dos números divulgados nas últimas pesquisas”.

O candidato dirigiu-se à tevê Gazeta na tarde de terça-feira, quando chegou de Brasília, para fazer os últimos contatos políticos por telefone. Dali foi para casa, sem acompanhar o jantar de seus assessores tarde da noite. Às 7 horas de ontem, estava pronto. Havia tomado café com leite e comido ovos mexidos, e pão com manteiga, passando a conversar informalmente com os que estavam em casa, até a hora de ir para a seção eleitoral. Ele de calça preta e camisa branca e Rosane com um vestido de seda estampado. Dali foram para o aeroporto, onde tiveram de aguardar 15 minutos, enquanto chegavam os demais passageiros do jatinho que decolou para Brasília.

RAIMUNDO PACCO/MANAUS



Já se considerando vitorioso, Collor falou pouco das urnas